

A  
CIDADE  
INVISÍVEL



RAFAELA CASEMIRO

A  
CIDADE  
INVISÍVEL



**Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023**  
**Copyright © Rafaela Casemiro, 2023**

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

**Lilian Vaccaro**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

**Raquel Escobar**

PRODUÇÃO GRÁFICA

**Giovanna Vaccaro**

CAPA

**Henrique Moraes**

DIAGRAMAÇÃO

**Michael Vasconcelos**

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

Casemiro, Rafaela

A cidade invisível / Rafaela Casemiro – 1ª edição – São  
Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-86-1

CDD: 869.3

---

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção brasileira 2. Fantasia 3. Fantasia judaica I. Título



Rua Coronel Leme, 43 | Centro  
Bragança Paulista | SP | 12.900-340  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)  
Tel.: (11) 9.8020-0810





*É ele quem muda o tempo e as estações,  
remove reis e estabelece reis;  
Ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes.  
Ele revela o profundo e o escondido;  
conhece o que está em trevas,  
e com ele mora a luz.*

Daniel 2:21-22



Minha íntima gratidão a Deus, que é o meu destro escritor.  
Àquele que me arranca do medo e me planta na dimensão  
onde as raízes mais profundas tocam o amor.

## NOTA DA AUTORA

A história que você, leitor(a), está às portas ocorre em um lugar peculiar, em um tempo em que passado, presente e futuro se encontram. As aventuras deste conto estão ademais fora das conjecturas das sociedades atuais sobre conquista, força, medo... amor. Você está diante de um conflito sobre luz e trevas.

Assim, experiencie sua leitura com olhos despertos para o caminho fora das jornadas comuns dos heróis atuais. Em algumas linhas desta história, até mesmo a vida encontrou suas vias de dentro da morte. Portanto, você também poderá encontrar continuidade diante das muralhas mentais que se erguem como muros e o impedem de prosseguir.

O caminho tem camadas que, como estradas, emaranham-se em labirintos. Da superfície às profundezas, da mente ao espírito, do visível ao invisível; tudo está circunscrito em um vaso antigo portador de mistérios chamado “consciência”. E nele tais camadas se sobrepõem e se ocultam. Os personagens que você irá conhecer são internos, porções de si mesmo. E tentam buscar na psique por um lugar de cura, maturação, voz. Os lugares emocionais são mergulhos profundos enquanto os lugares espirituais são voos altos. Leia tal história por entre as frases, por baixo das ações, por trás daquilo que se mostra, até onde for possível alcançar.

Suportando permanecer em suspenso fora dos parâmetros que fazem sentido, a Srta. Hulda, do reino de Jasper, atravessou mundos e retornou sobre o voo de uma águia. Assim desejo que você a conheça, e que o Mapa do Caminho seja desenhado em seu coração.

Uma boa leitura,  
A autora.

# Sumário

I	ENCONTRO COM A CRIANÇA .....	13
II	JASPER E OS DOIS CÉUS .....	21
III	A ÚLTIMA NOITE DAS LUZES .....	27
IV	A OUTRA DIMENSÃO .....	33
V	O INÍCIO DA GUERRA E UM REINO DIVIDIDO .....	37
VI	AMOR INTERROMPIDO .....	41
VII	ESCURIDÃO ADENTRO .....	47
VIII	O BOM PASTOR .....	55
IX	O UIVO DA LOBA .....	63
X	O RESGATADOR .....	71
XI	O NASCIMENTO DO GUERREIRO .....	77
XII	A CAPA DAS ILUSÕES .....	87
XIII	A VISITA DO REI .....	93
XIV	UMA MÚSICA FEITA DE PIANO, VIOLINO, UMA BATIDA E UMA VOZ .....	99
XV	A LUA DO MEIO-DIA .....	105
XVI	O PORTAL PARA MAG'YAH LAND .....	113
XVII	O CASULO DE CRISTAL .....	121
XVIII	A FONTE .....	129
XIX	A GUARDIÃ .....	135
XX	TECENDO A REALIDADE .....	139
XXI	O SONO E A VISITA DO MENSAGEIRO .....	147
XXII	A BATALHA CONTRA O ANIMUS .....	151
XXIII	UMA NOVA MEDIDA DE LUZ .....	159
XXIV	A COROA E O ANEL .....	163



# I

## ENCONTRO COM A CRIANÇA

Não houve dias mais claros do que os daquele fim de verão. O sol da manhã ardia e contrastava em cores o céu, o mar e as montanhas que muravam o reino de Jasper. As silhuetas das águias atravessavam àquela hora a luz; não se via delas mais do que isso. Seus voos, além de muito altos, eram obscurecidos ao se posicionarem na direção da claridade. As águias e a luz estavam alinhadas.

Hulda se esforçava para vê-las. Com as mãos, protegia os olhos cerrados. Quanto mais fechava seu campo de visão, um pouco melhor focava as águias. No entanto, quanto mais pareciam se fazer visíveis, mais se furtavam inapreensíveis. Em suspenso naquele tempo incontado, Hulda continuava a tentar discernir suas cores.

— Hulda! Hulda! — Como um forte baque na cabeça, de repente sua visão desapareceu diante de um clarão de luz, que a deixou tonta e sem chão. — Hulda! Por que você olha tanto para o céu? — perguntou Afra, segurando-a ao vê-la cambalear.

— Que susto, Afra! — respondeu Hulda, como se voltasse de outro mundo. — Você me deixou tonta me fazendo olhar para baixo tão rápido.

— Você estava tão absorta que quase saiu voando com elas  
— riu-se Afra.

— Do que você está falando? — perguntou Hulda com um sorriso descontraído. — E perder sua Travessia hoje à noite?

Afra baixou a voz em preocupação:

— Ainda não tenho certeza de que quero estar lá...

Hulda se aproximou e segurou a menina de doze anos pelos ombros. Disse com voz delicada:

— Será um momento que você nunca mais esquecerá...

— Você parece o meu pai falando — interrompeu Afra. — Não sente vontade de sair daqui? Descobrir o que há lá fora?

— Como eu poderia falar como um pai se nem mesmo tive um? — provocou Hulda.

— Não sei.

A conversa encontrou um silêncio duro, até que Hulda decidiu:

— Vamos embora, as águas estão subindo.

Afra olhou para o mar à sua direita e à esquerda de Hulda.

— Vamos ficar mais um pouco!

— Vamos embora. Você quer estar aqui quando as águas tomarem a praia?

— Podemos nadar!

Hulda sorriu diante da resposta da menina e, sentindo a vida que pulsava nela, pensou consigo: *criança, às vezes é como se você morasse dentro de mim.*

Mas, respondeu, gentilmente:

— Afra, não seja tão birrenta. Vamos emb...

— A mais prudente guerreira de todo o reino — zombou Afra, dando voltas e imitando o andar dos guerreiros e guerreiras reais.

— Ah! E você ri disso, Srta. princesa de Jasper? — retrucou Hulda, brincando, imitando os passos de princesas nos desfiles reais na praça.

As duas riram juntas.

— Ainda sinto algo estranho sobre hoje à noite... — preocupou-se Afra.

— O que pode ser essa sensação? Está preocupada em tropeçar na entrada da cerimônia, princesa? — zombou Hulda, ainda imitando o andar das princesas.

— Não! — respondeu Afra, fazendo um gesto para que ela parasse. — Estou com medo... Não me sinto pronta. Ainda que o meu sangue já tenha sido aberto, parece que continuo a mesma pessoa de sempre, apenas uma criança.

Hulda segurou sua mão e a puxou para se sentarem na areia. O mar estava saindo do seu recolhimento, marcando novas linhas na areia. As duas o olharam por alguns segundos em silêncio, até que Hulda respirou fundo e perguntou:

— O que você disse que aconteceu com o seu sangue?

Sem entender muito bem a pergunta, Afra respondeu:

— Ele abriu... você sabe... quando...

— Ele abriu... — interrompeu Hulda. — Assim também você se abre um pouco mais, aqui... — E colocou a mão sobre o coração. — As mudanças acontecem devagar... Você não vai perceber de um dia para o outro. Apenas continue vivendo...

— Obrigada — respondeu Afra, respirando fundo.

— E, quanto a hoje à noite, não se preocupe tanto... Pense na cerimônia como uma festa de aniversário, para celebrar a vida que está crescendo em você. Como se você fosse um dos botões de rosa do jardim da rainha, abrindo-se... Já viu o quanto ela comemora? — disse Hulda, arrancando uma risada de Afra com sua careta, indicando o exagero da comemoração da rainha.

— Ah! Oh, não! — gritaram as duas, levantando-se e correndo da água que subira à altura em que estavam sentadas.

— Afra, vamos embora agora, antes que fiquemos geladas de frio — disse Hulda.

Afra sorriu com um ar de desafio. Antes que Hulda pudesse dizer qualquer coisa, a menina saiu correndo, margeando o mar. Suas pequenas pernas se molhavam na areia úmida e escura, assim como a barra do vestido azul-ciano. Hulda corria atrás, tentando alcançá-la. No entanto, no fundo, sentia-se como que correndo com ela. Um silêncio profundo preenchia seus pensamentos. Ela via os cabelos livres de Afra conversando com o vento, a cor dourada dos fios se misturando aos raios de sol. Seus braços abertos como asas. Nada passava em sua cabeça, apenas o silêncio e as cores do dia.

Mais alguns metros à frente já podiam avistar o rio do Oriente. Era um rio muito largo e de forte correnteza que indicava o pé das montanhas, os limites de Jasper. Depois do rio, iniciavam-se vales desconhecidos, que ninguém nunca atravessara, nem de dentro para fora, nem ao contrário.

*Ela vai entrar, pensou Hulda. Ela vai entrar no rio...*

Sem conseguir se refrear, Hulda seguiu Afra, concordando com o movimento. Por mais que, em algum lugar racional em si, achasse que tivesse enlouquecido.

— Por que estou concordando com isso? — riu-se Hulda. — Perdi a cabeça? — E ria sozinha.

Afra se virou em direção aos rochedos da praia, atrás dos quais estava o caminho de volta para a aldeia e para o palácio. A menina foi diminuindo a velocidade. Hulda olhou para a mesma direção, investigando o que chamara a atenção de Afra. E viu um velho senhor sentado sobre uma das rochas, de costas para a cidade, olhando para o mar aberto.

— Aaaiiiii!

Hulda, sem perceber que Afra parara de correr, esbarrou nela e as duas caíram uma por cima da outra.

– Ai, Hulda! Olhe para frente! — reclamou Afra.

– Desculpe, estava olhando para... — Hulda pensou um pouco.  
– Você viu?

– O velho? — perguntou Afra. — Claro que vi. Quem você acha que é?

– Nunca o vi antes. Vamos até ele — disse Hulda. — E dali vamos voltar para casa, pois já está na hora dos preparativos para a sua Travessia.

As duas mudaram o rumo e, lado a lado, começaram a caminhar em direção ao velho desconhecido. Hulda, no meio do caminho, olhou por um momento por sobre os ombros, para o rio do qual ia se afastando, com certa sensação de tristeza por não terem mergulhado e, ao mesmo tempo, alívio por estarem em terra firme.

– O senhor precisa de ajuda? — perguntou Hulda, aproximando-se do velho. Ele nada respondeu, além de olhar para o mar sem muitas expressões, mas com certa gentileza em seu olhar. — O senhor está sozinho nesta região remota? — Hulda voltou a tentar. — Precisa de algo?

O velho olhou para as duas e abriu um largo sorriso de divertimento.

– Vocês quase conseguiram ali — respondeu ele.

Hulda, constrangida ao perceber que ele vira nelas a excitação de tentar entrar no rio, explicou-se:

– Aquilo era só uma brincadeira, senhor.

– Que bom que me encontraram aqui para ajudá-las — disse ele com o mesmo sorriso de quem estava achando graça da cena.

– Nos ajudar? — perguntou Hulda.

– A não prosseguir. A culpa de entrar no rio seria muito grande para suportar, não é mesmo? É mais leve se distrair. A minha presença as ajudou a se distraírem do caminho. E a não prosseguir — disse ele.

– Do que você está falando? Não estávamos tentando entrar no rio. Você não sabe que é perigoso ir além dele? – respondeu Hulda com uma raiva repentina.

– Verdade, precisa ter coragem para isso – disse ele apenas.

– Tive medo ao chegar perto do rio – contou Afra em tom inocente.

– Quem tem medo está um pouco mais perto da coragem do que quem tem raiva, menininha – disse ele, olhando em seus olhos e depois olhando para Hulda.

– Quem é você? – interrompeu Hulda de cara fechada. – Nunca o vimos antes.

Hulda sentia uma confiança estranha em relação a ele, como se o conhecesse. Ainda assim, toda vez que ele falava, subia-lhe uma inquietação.

– Ah, verdade é o que diz que não sou daqui – respondeu ele. – Mas tenho muitos nomes.

O velho se abaixou e pegou um graveto do chão. Com ele, começou a escrever devagar na areia fofa:

*YHWH*

– YH... O quê? – empolgou-se Afra. – Como se pronuncia isso?

– Afra! – interrompeu Hulda com um olhar de repreensão. – Nós precisamos ir, senhor. Tenha um bom dia – continuou, dirigindo-se ao velho.

– Tenham um bom dia, senhoritas – ele respondeu e voltou a olhar para a imensidão.

E as duas seguiram seu caminho de volta para o reino de Jasper.